



# TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

## De Tolstói a Toy Story: um caso de texto multimodal e seus estratos digitais

*From Tolstoi to Toy Story: a case of multimodal text and its digital layers*

Ana Elisa Ribeiro<sup>a</sup>

<sup>a</sup> Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Minas Gerais, Brasil - [anadigital@gmail.com](mailto:anadigital@gmail.com)

**Palavras-chave:**  
Multimodalidade.  
Textos Multimodais.  
Multiletramentos.  
Estratos.

**Keywords:**  
Multimodality.  
Multimodal Texts.  
Multiliteracies.  
Strata.

**Resumo:** Neste artigo, partimos da relação existente, mas não dependente, entre multiletramentos e estudos de multimodalidade para, então, abordar um texto de produção e distribuição digitais, empregando parcialmente uma metalinguagem proposta por Kress e Van Leeuwen para os estratos dos textos multimodais. Com base em um exemplo de “meme”, interpelamos aspectos da teoria e dos processos semióticos contemporâneos, a fim de melhor compreender tanto as proposições teóricas, que remontam à virada do milênio, quanto os próprios textos presentes em nossas práticas de leitura e escrita atuais.

**Abstract:** In this article, we start from the existing relationship, but not a dependency, between multiliteracies and multimodality studies for, then, examine a text that was digitally produced and distributed. We apply partially a metalanguage proposed by Kress and Van Leeuwen for multimodal texts and its strata. Based on an example of a “meme”, we inquire aspects of contemporary semiotic theory and processes, in order to better understand both the theoretical propositions, which date back to the turn of the millennium, as well as the texts present in our current reading and writing practices.



## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE MULTIMODALIDADE E MULTILETRAMENTOS

No Brasil, é comum que tenhamos a impressão de haver uma relação gemelar entre multimodalidade e multiletramentos, e isso, a um só tempo, provoca confusões, mas tem razão de ser. Neste texto, além de discutir essa relação forte, mas não dependente, abordaremos questões ligadas às tecnologias digitais e a textos que circulam apenas por meio delas; mais do que isso, são produzidos em decorrência da existência delas, numa velocidade somente possível nos dias de hoje, com a facilidade de sintetização dada por aplicativos e programas de edição de textos (entendendo-se aqui “texto” em sentido amplo e integrado com modos semióticos além da palavra escrita).

A multimodalidade deve ser entendida como uma característica inerente a todos os textos. É, aliás, desse modo que seus teóricos mais conhecidos, ao menos em nosso país, a consideram, afirmando, em mais de um trabalho, que todo texto é multimodal (KRESS; VAN LEEUWEN, 1998; KRESS, 2003). Essa tal característica ou qualidade aparece sob infinitas combinações, a maioria delas ainda por analisar e descrever. Podemos dizer, aliás, que descrever e analisar possibilidades infinitas é virtualmente inexequível, mas podemos sempre ensaiar o exercício de ler e estudar composições textuais que nos auxiliem na compreensão da linguagem em nosso tempo. É o que faremos aqui, utilizando apenas uma peça textual que nos dê ensejo a uma breve discussão sobre alguns aspectos de um texto altamente multimodal e de gênese/distribuição digitais.

Uma vez que todos os textos são multimodais, o que podemos admitir é que haja uma paleta ou um espectro, mais ou menos descritível e analisável, de intensidades de multimodalidade, numa escala que jamais começará do zero. Isto é, sendo um texto monomodal impossível ou inexistente, o que resta é que possamos pensar nos textos como de baixa multimodalidade, seguindo em direção à maior complexificação entre as camadas modais internamente e os diferentes tipos ou intensidades de relação entre os modos, isto é, a multimodalidade<sup>1</sup>. Mesmo assim, é importante frisar que textos de baixa multimodalidade podem ser compostos de múltiplas linguagens e modulações, e mesmo uma classificação dos textos segundo a intensidade intermodal e multimodal só seria

---

<sup>1</sup> Talvez possamos pensar mesmo em assumir possibilidades intermodais ou transmodais, se passarmos a analisar cada modo em si e na relação com outros, que é o que afinal vimos tratando como multimodalidade. Não faremos qualquer aprofundamento disso aqui.

admissível relativamente a outros, num conjunto visualizável, examinável e comparável, e não em absoluto.

Os multiletramentos, por sua vez, são uma suplementação de uma abordagem anterior, a dos letramentos, que, em meados do século XX, passou a considerar aspectos sociais das práticas com textos, para além da estrita alfabetização<sup>2</sup>. A ideia de que a noção de multiletramentos suple uma noção anterior está explicitada no texto fundador de Cazden et al. (1996), um manifesto que não apenas se declara tributário da noção de letramentos como pretendeu avançar, encampando uma visão de mundo e de mídias mais ajustada ao contexto econômico e social do norte global ou de contextos socioeconômica e tecnologicamente hegemônicos, pouco antes da virada do milênio.

Um dos movimentos do manifesto pela “pedagogia dos multiletramentos”, tal como é chamada pelo grupo de autores e autoras (CAZDEN et al., 1996), é a admissão de alguns elementos que pareciam fazer parte, irreversivelmente, do cenário da educação nos anos 1990 e dali em diante: a diversidade cultural dos estudantes e das pessoas em geral, cada vez mais em contato; a diversidade linguística disso decorrente; e a diversidade midiática, que embora não seja detalhada no documento, provavelmente considerava a mudança de cenário comunicacional provocada pela existência e relativa democratização dos computadores (e suas interfaces amigáveis e programas de edição), o que também fazia ver e antever a diversidade e a complexificação dos textos, sua produção e circulação em profusão, entre outras consequências que nos atingiam ou nos atingiriam a todos, embora em tempos bastante diferidos.

Outro elemento importante dessa “pedagogia”, e que se pode dizer que seja seu esteio, é a proposição de uma metalinguagem para tratar dos textos, das mídias e da educação em linguagens na escola. O manifesto de 1996 explicitava um modelo de compreensão e ensino de linguagens que reinventava termos como *design* e suas adjetivações, além da criação do próprio termo “multiletramentos”, hoje muito difundido no Brasil. Embora seja até comum identificar trabalhos que tomem os multiletramentos como uma espécie de “evolução” ou “modernização” da noção de letramentos, o texto de Cazden et al.

---

<sup>2</sup> Importante lembrar que a diferenciação entre os termos “alfabetização” e “letramento” é uma questão da língua portuguesa. Em inglês, o termo é um só: *literacy*.

(1996) é claro em relação a um desejo, ao menos retórico e diplomático, de não romper com noções anteriores, até ali muito produtivas.

O manifesto da “pedagogia dos multiletramentos” é um documento cunhado a vinte mãos, iniciado em um evento em 1994, nos Estados Unidos, e publicado por uma prestigiosa revista norte-americana, em 1996. Nele, ressoam bem as vozes e as pesquisas dos pesquisadores coautores, entre eles Gunther Kress, um dos expoentes da semiótica social e dos estudos de multimodalidade. Isto é: os estudos de multimodalidade são bem anteriores à proposição da noção de multiletramentos e não dependem dela, até ali (são, aliás, tributários da linguística sistêmico-funcional de décadas antes). No entanto, arriscando aqui alguma imprecisão, as noções de multiletramentos e de multimodalidade se espriam pela pesquisa acadêmica brasileira apenas depois dos anos 2000, portanto cronologicamente juntas, do que pode decorrer certa sensação difusa de que um estudo que se assente em uma teoria semiótica que trate de textos multimodais necessariamente seja um estudo sob a égide dos multiletramentos. Não é, ou melhor, pode tranquilamente não ser.

Em nosso país, nos anos 1990, ainda era nova a ideia do letramento nas graduações em Letras. Em todos os textos que líamos, encontrávamos a informação de que o termo *literacy* havia sido traduzido nos anos 1980 e que chegara, provavelmente, num livro de Mary Kato, com a tradução *letramento*, ainda controversa e em disputa<sup>3</sup>. De outro lado, a informática, na mesma época, apenas começava a se “popularizar”, com a chegada de máquinas de mesa e interfaces gráficas para navegação numa internet precaríssima, de alto custo, além dos programas da Microsoft, que se firmaram como substitutos das máquinas de datilografar e calcular de então. Tudo isso para dizer que o cenário brasileiro quanto às tecnologias digitais ainda era pré-histórico, sofrendo grandes mudanças com o avanço da globalização, das políticas neoliberais e de tudo o que se seguiu aos anos pós-ditadura. Era virtualmente impossível que víssemos o mundo e nossa cena educacional com as mesmas lentes dos pesquisadores que assinam o manifesto de 1996, naquele tempo.

---

<sup>3</sup> Na verdade, essa disputa nunca cessou, em especial quanto à tradução lusitana *literacia*, como é possível ver em Morais (2020).

É interessante, então, precisar que a multimodalidade e os multiletramentos não nascem juntos; que a segunda noção se abastece da primeira quando aborda o cenário comunicacional do terço final do século XX; que os estudos que levam em consideração a multimodalidade dos textos não têm, necessariamente, de admitir uma abordagem de multiletramentos, embora possam fazê-lo; que os estudos de multiletramentos podem não se deter em textos multimodais; mas que essas duas noções podem atuar juntas, caso seja pertinente para dada pesquisa ou análise.

Neste artigo, por exemplo, as questões de multimodalidade serão muito produtivas e úteis para nossa mirada de um “meme”<sup>4</sup>. Esse objeto pode parecer pouco ou insuficiente, mas veremos que não é, ao menos para um exercício de friccionar teoria e prática, isto é, um texto real e um modo de olhá-lo proposto pela semiótica social de Gunther Kress. No entanto, a noção de multiletramentos operará muito externamente, já que não é ela que define o olhar que deteremos sobre os textos, embora possa emoldurar, mais à distância, uma percepção de que os textos apelidados de “memes” passaram a circular exatamente nesse cenário de século XXI, isto é, com a diversidade de mídias que provê, permite e provoca uma diversidade de textos, incluindo a ampliação da paleta de gêneros textuais com que passamos a lidar, em velocidade antes nunca vista. É nessa cena que surgem os memes, produzidos pelas pessoas na operação com programas capazes de sintetizar imagens (cinéticas ou não), palavras e outros modos semióticos, com grande facilidade, distribuídos por meio de pacotes de dados digitais, projetados em telas diversas, hoje acessíveis especialmente na forma de *smartphones*, que ainda inexistiam nos anos 1990. Vejamos então um elemento fulcral sobre os memes atuais: sua natureza digital, profundamente relacionada justamente ao estrato da distribuição como algo que chamamos hoje de “viral”, numa outra analogia com as ciências biológicas.

## 2 ONDE ESTÁ O *DIGITAL* ENTRE OS ESTRATOS?

---

<sup>4</sup> Não vamos nos deter nas explicações sobre este gênero. Para isso, ver Oliveira, Bezerra, Lêdo (2020) e Lima-Neto (2014). A origem do termo “meme” é atribuída a Richard Dawkins bem antes da existência de redes sociais. A palavra foi resignificada para nomear um gênero textual muito popular nos dias de hoje. A ideia de algo que se espalha e se repete é central para os memes atuais e é nela que vamos nos fixar neste trabalho. Há outros elementos que fazem de um texto um meme, e a peça que vamos usar como exemplo aqui não contempla todos eles. Outros exercícios de leitura de textos multimodais foram feitos em Ribeiro (2016; 2019, 2020).

Em obra de 2001, Gunther Kress e Theo Van Leeuwen já propunham o que consideravam uma teoria mais adequada às “práticas semióticas” contemporâneas<sup>5</sup>, nas quais estaríamos todos/as mergulhados/as, cedo ou tarde. As mudanças tecnológicas estavam obviamente implicadas nisso. Já parecia impossível desconsiderar a emergência de recursos e equipamentos que alteraram nossos modos de escrever e ler, tais como o computador e programas de todo tipo. Para os autores, “A tecnologia digital torna possível que uma pessoa administre os modos e implemente uma produção multimodal sozinha”<sup>6</sup> (2001, p. 47). Entre suas proposições estava o que eles chamavam de “estratos”, que eram: *discurso, design, produção e distribuição*, não sendo algum deles mais importante do que o outro<sup>7</sup>.

Podemos nos perguntar, diante desse quadro, que relação a tecnologia digital estabelece com cada estrato na produção de textos, isto é, que peculiaridades ou especificidades existem quanto a um estrato pelo fato de um texto ser digital? Se é possível fazer essa pergunta, talvez seja possível fazer muitas outras e rearranjá-las, até que possamos enxergar o que queremos ver. Que especificidades há na produção de textos digitais quanto a cada estrato e na administração dos modos semióticos? E em sua distribuição? Há algo que os distinga ou diferencie de outros? E quanto aos estratos do *design* e do *discurso*? Eventuais especificidades ou novas possibilidades decorrem de mudanças nos outros estratos? Ainda: esses estratos são paralelos, têm a mesma posição num diagrama? Ou se interinfluenciam ou inconciliam?

Vejamos: o que poderíamos considerar um texto produzido e/ou distribuído digitalmente? Se ele é produzido digitalmente, só poderá ser distribuído digitalmente também? Em que medida a digitalidade dos textos se relaciona às suas possibilidades de design? E que influências pode sofrer o discurso materializado ou expresso por um texto em decorrência de seus estratos influenciados pela tecnologia digital? O design digital, a produção digital, a distribuição digital interferem de algum modo específico no discurso que esse texto

---

<sup>5</sup> Interessante observar que são passadas duas décadas!, tempo considerável em nossa escala humana, mas não para a história de larga duração. Queremos dizer que uma pessoa pode viver e morrer sem ver grandes mudanças culturais na escola ou em qualquer outro espaço institucional, infelizmente.

<sup>6</sup> Todas as traduções livres dos trechos são nossas.

<sup>7</sup> Neste ponto, Kress e Van Leeuwen são explicitamente tributários da linguística sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday.

produz? Ou ainda, em nova tentativa: discursivizações específicas decorrem da natureza digital dos estratos de um texto?

O que podemos dizer, a partir da experiência empírica e ordinária com muitos textos, hoje, é que certas peças são digitais em seus modos de *produção*, *design* e *distribuição*, ou seja, tais textos só existem em zeros e uns, inexistindo como material gráfico, por exemplo, onde perderiam sua capacidade de se replicar e espalhar em profusão e tão rapidamente quanto em ambientes digitais. Esses textos projetam-se em telas desde o nascedouro, seus modos são ali administrados e combinados, escoam por infovias e nos chegam também por meio de telas, ubiquamente, expressando discursos que poderemos depreender da leitura menos ou mais engajada ou interessada. Sejam convencionais ou subversivos, os designs realizam discursos por meio de combinações infinitas de linguagens, hoje e desde a virada do milênio por meio de tecnologias digitais.

Kress e Van Leeuwen assim definem os modos semióticos:

recursos semióticos que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de (inter)ação. Os designs usam esses recursos, combinando modos semióticos, e selecionando entre opções disponíveis de acordo com os interesses de uma situação de comunicação particular (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 21-22).

Combinar esses recursos semióticos é, portanto, fundamental para a produção textual, entendida aqui sempre em sentido amplo e integrado. Para Kress e Van Leeuwen, textos são:

objetos materiais que resultam de uma variedade de práticas representacionais e produtivas que empregam uma gama de recursos significativos organizados como sistemas (que chamados de “modos”), e uma gama de mídias, de materiais – superfícies de produção (papel, pedra, plástico, tecido, madeira, etc.), substâncias de produção (tinta, ouro, luz, etc.) e as ferramentas de produção (cinzel, lápis, caneta, pincel, estilete, etc.) (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, p. 216).

Para além do escopo largo que tal definição de textos alcança, os autores ainda dividem as tecnologias de produção dos textos em três grupos, quais sejam: (1) as manuais (cinzel, pincel, lápis, etc.); (2) as de gravação/registro (fita de áudio, fotografia e filme); e as (3) sintetizadoras, de representações digitais, interfaces tecnológicas. Quanto à peça de que trataremos aqui, é possível dizer que lidaremos sempre com tecnologias sintetizadoras,

isto é, interfaces tecnológicas digitais por meio das quais é possível pesquisar, selecionar, recolher materiais/textos/modos de base, combinar e recombinar modos semióticos, produzindo “novos” textos que são distribuídos por vias digitais e lidos por meio de projeções também digitais, em telas variáveis. Nesse sentido, são peças textuais genuinamente digitais, isto é, não costumam existir impressas ou fora desses ambientes por meio dos quais escoam e são consumidas. Um texto tal como estes talvez exista em materiais didáticos impressos, por exemplo. Num livro didático ou em uma prova de processo seletivo talvez encontremos memes para análise e outros gêneros semelhantes, mas aí de maneira atenuada, didática, fora de sua dinâmica comunicacional nas práticas sociais, que estão geneticamente ligadas a interfaces digitais.

Quanto aos estratos propostos por Kress e Van Leeuwen (2001), podemos dizer, com base em peças textuais reais, em circulação social, que são produzidas por meio de operações propiciadas por interfaces e recursos digitais, seu design depende disso para existir e sua distribuição também se vale disso, sendo justamente sua capacidade de se difundir e se repetir muito e rapidamente a característica que chama a atenção para a analogia com os “memes”. Passemos ao exemplo que nos ensejará uma discussão.

### **3 UM CASO DE TEXTO MULTIMODAL DIGITAL**

Não é difícil encontrar, em nosso dia a dia, material que gere discussões sobre multimodalidade, vestindo-os da metalinguagem proposta pela semiótica social. O texto a seguir circulou no final de 2020 e tem relação direta com o contexto político que vivíamos então. Trata-se de uma peça de crítica ao presidente do Brasil, sintetizada em ambiente digital, composta a partir de recortes de outras peças e que se espalhou pelas redes sociais durante algum tempo<sup>8</sup>.

Embora possamos chamá-la de “meme” por sua capacidade de se espalhar e por sua relação com muitas outras peças relacionadas ao mesmo personagem, talvez seja mais apropriado e preciso dar-lhe um nome genérico, já que ela se assemelha a outros gêneros

---

<sup>8</sup> Este é um elemento interessante sobre memes: qual é a medida de sua efemeridade? Há memes duradouros, tão genéricos que podem ser usados em muitas situações, fazendo sentido e graça muito tempo depois de sua criação. Há outros que logo se esvaem na torrente dos ambientes digitais, prestando-se apenas ao contexto e ao momento em que foram criados e fizeram sentido. Este é o caso do exemplo aqui empregado. No entanto, a nomeação de “meme” para esta peça é mais uma conveniência e uma generalização do que algo preciso e inequívoco, como assumimos.



textuais, como charges ou tiras, sem também que seja uma delas. Esse tipo de sintetização de difícil classificação é justamente um dos desafios dos ambientes digitais e da facilidade que muitos programas oferecem para a edição de peças que serão parentes de muitas outras, mais conhecidas, sem se enquadrar em moldes já convencionados. O que é, para uns, uma riqueza de possibilidades, é, para outros, também um problema teórico-prático no campo das linguagens, das mídias e mesmo da educação. Em todo caso, consideramos um privilégio vivenciar estes tempos de “riqueza problemática”, do ponto de vista da pesquisa e do ensino.

As camadas modais que esse texto apresenta são de fácil discernimento. A alta figuratividade das fotografias de dois presidentes de repúblicas, Rússia e Brasil, contrasta com as intervenções que simulam um desenho feito à mão, isto é, os balões de diálogo, que tornam tal peça uma parente das histórias em quadrinhos, tiras, charges, etc. A seleção dessas fotografias, claramente recortadas de algum outro contexto (outro elemento da teoria, a proveniência), é feita tendo-se em conta a posição corporal de Jair Bolsonaro e Vladimir Putin, de maneira que eles praticamente se olhem, como se estivessem conversando.

**Figura 1** – Texto que circulou nas redes sociais no final de 2020.



**Fonte:** Internet.

O humor provocado pela “conversa” entre os dois políticos emerge justamente da desqualificação do presidente brasileiro, que é aqui apresentado como um personagem inculto, ignorante, ridículo. Para compreender este meme, o/a leitor/a precisa ter algumas informações de que decorrerão inferências importantes: que Tolstói é um mundialmente consagrado escritor russo do século XIX, amplamente conhecido e traduzido no Brasil; que *Toy Story* é uma série de filmes de longa-metragem norte-americanos, produzida pelos estúdios Walt Disney e Pixar em anos mais recentes, também mundialmente conhecida; que Tolstói e *Toy Story*, pronunciados em português, soam semelhantemente; que a relação entre esses dois elementos, o escritor e o filme, é culturalmente assimétrica, isto é, Tolstói pode ser considerado, socialmente, como um autor canônico, do que alguns podem chamar de “alta cultura”, enquanto o filme americano é popular, cultura de massas, acessível a muito mais camadas da população.

É essa assimetria que permite que Bolsonaro seja lido como alguém que não acessa uma cultura mais “alta”, mesmo ocupando um cargo de presidente. O jogo de sentidos produzido pela peça funda-se, podemos dizer, em um preconceito ou a uma valoração social ligada a classes econômicas, acesso cultural e “cultura geral”, sem falar na intenção de crítica ideológica, por se tratar de personagens históricos adeptos de lados opostos do espectro político. O riso decorrente desta peça provavelmente só ocorrerá às pessoas que conseguem entender quem ou o que são Tolstói e *Toy Story*, mas mais que isso: às pessoas que concordam com os julgamentos nela contidos. Quem discorda provavelmente terá outra reação.

Certamente, a metalinguagem sobre multimodalidade pode ser de interesse nesta situação, a fim de que possamos apontar camadas modais como a seleção das fotos e seus recortes; sua subsequente aplicação nas posições desejadas e necessárias para uma cena de diálogo; o desenho e a montagem dos balões indicativos de fala, na consequente aproximação a gêneros como as tiras e charges; a produção de um diálogo que apresenta um contexto amplo para o debate sobre política, mas também sobre cultura, preconceito e humores politicamente incorretos.

Apresentada a metalinguagem que abordamos na seção anterior, é interessante passar às referências e aos sentidos dos elementos selecionados e compostos na cena. Para se

produzir uma peça pretensamente simples e até meio “tosca” como esta, dependemos de uma pesquisa iconográfica sobre dois presidentes e de outra sobre *Toy Story*, além da verificação de todos os personagens em cena: presidentes de países em pontos antagônicos do espectro ideológico e político, personagens de um filme de animação famoso e um escritor clássico. Sem esses elementos, a compreensão que daí decorre obviamente não seria possível. É essa composição ou orquestração<sup>9</sup> de sentidos e modos, por meio de um design (distribuição, etc.), que discursiviza o que lemos e como podemos ler o que lemos.

Algumas perguntas ligadas a esta composição multimodal podem ser feitas, vejamos:

- (1) Caso a imagem dos personagens de *Toy Story* não figurassem no balão de Bolsonaro, seria possível compreender o texto?;
- (2) Quão importantes são as posições das fotografias dos presidentes para a composição da peça?;
- (3) Que outros elementos visuais poderiam indicar uma conversa, um diálogo?;
- (4) Há razões contextuais que explicam que esta peça seja produzida justamente com os presidentes da Rússia e do Brasil?;
- (5) As modulações deste texto, mesmo ele sendo tão precariamente feito, são bem-sucedidas para a produção de humor? Por quê?;
- (6) Em que se funda esse humor ou, dito de outro modo, onde está a graça?;

Dessa leitura, que leva em consideração, inescapavelmente, aspectos culturais, verbais e visuais que se materializam e discursivizam na peça, é possível abordar outros textos de cunho crítico e político, assim como procurar memes e outros gêneros de texto que possam ser comparados com este, colecionando peças de motivação comum ou parecida, que nos ajudam a pensar: (a) na quantidade infinita de opções expressivas que temos; (b) em como a seleção de elementos modais e sua composição intencional podem gerar textos interessantes e dos quais surgem debates relevantes para a aprendizagem de leitura e produção textual, além do debate social; e (c) quão importante é o manejo dos recursos e

---

<sup>9</sup> Para usar duas palavras caras à teoria de Kress e Van Leeuwen, e tão avizinhas da metáfora musical.

dos modos semióticos para que se possa construir um texto e seus sentidos, mesmo que tais efeitos de sentido sejam virtualmente imprevisíveis<sup>10</sup>.

É de fundamental importância hoje, para especialistas e professores/as, a atenção aos textos que estão em circulação, por muitos canais, considerando que sejam possíveis análises e comparações entre peças de outras naturezas midiáticas, tais como impressos, vídeos, filmes, áudio, etc. Coletar textos que nos ajudem na aprendizagem e na compreensão leitora passa pelo enfrentamento dessas peças multimodais, necessariamente, como já defendiam Cazden et al. (1996). E a partir disso, é também importante incentivar a produção de textos modalmente complexos, a partir da experiência com outros e do manejo de recursos ao nosso alcance. Trata-se de uma espécie de “empoderamento semiótico”, como sugeria Kress (2003), e não de um luxo com o qual podemos nos abster de lidar, a esta altura.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das motivações para a escrita multimodal, e das mais relevantes, é sua relação com a cidadania, que, segundo Magda Soares (2003), só exercemos plenamente quando somos alfabetizados e, de preferência, letrados. Os letramentos, no entanto, são múltiplos, diversos, engendrados em muitas combinações, contextuais, até contingenciais, dado que situados historicamente, movendo-se conforme, por exemplo, inovações tecnológicas e práticas sociais de leitura e escrita. A relação entre letramentos e cidadania envolve o que Gunther Kress (2003) chamou de “poder semiótico”, isto é, nossa capacidade de expressão incrementada quanto mais recursos podemos e sabemos selecionar, mobilizar, tecer e exprimir. No entanto, escolher e mobilizar tais recursos pressupõe que os conheçamos, que eles estejam ao nosso dispor ou que a eles tenhamos acesso e, mais, que saibamos como funcionam e como produzir sentidos com eles. Não basta, portanto, que digamos que existem tais e quais recursos, que significam desta ou daquela maneira, que podem ser usados de tal ou qual forma; é imprescindível que, socialmente e individualmente, possamos acessá-los e experimentá-los, construindo nossas percepções de como e o que empregar para nossa melhor ou mais eficaz expressão, quando for o caso. Se não conhecemos os recursos semióticos e/ou não criamos com eles intimidade e

---

<sup>10</sup> Kress usa o termo “encorajados” para falar em sentidos e trilhas de leitura (2001). É interessante pensar na seleção dessa palavra por ele e em como ela evita sentidos únicos ou autoritários.

agência, dificilmente teremos a chance de *escolher*, elemento fundamental da produção de textos multimodais e, de outro lado, de sua leitura.

Outro ponto que nos parece fundamental é considerar que todo texto é multimodal, ou seja, compõe-se de camadas de sentido, em proporções ou intensidades variáveis, que são possibilitadas pelas composições diversas como são construídos. Isso não diz respeito apenas a uma composição texto-e-imagem, por exemplo, mas a elementos menos óbvios, como a seleção da fonte/letra do texto, o papel para impressão, quando é o caso, e outros elementos da materialidade textual que podem incluir outras modulações em cada modo semiótico (intermodalmente, como pensamos), como uma fotografia ou um desenho, dentre as possibilidades da imagem.

Para finalizar esta breve discussão, é importante trazer ainda algumas considerações de Kress e Van Leeuwen, para quem a multimodalidade é algo que apenas reconhecemos recentemente, mas que sempre esteve presente em nossa comunicação, fosse escrita ou oral. Eles afirmam: “A multimodalidade não é um fenômeno novo em qualquer sentido, mas sempre foi um elemento das semioses sociais. Então por que o interesse agora?” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 124). Podemos arriscar uma resposta a essa pergunta dizendo que o interesse pelos textos multimodais se avoluma num momento em que acessamos mais textos, em ritmo acelerado e por diversos meios, assim como temos a impressão de que podemos escrever mais, participar mais ativamente da cena, produzindo textos multimodais com mais facilidade, publicando-os num clique, tal como esses mesmos autores disseram a respeito das ferramentas tecnológicas, que permitem muito mais facilidades de edição (produção de *design* e *discurso*) e *distribuição*. Seria necessário, segundo esses autores, em nosso tempo, dar menos centralidade à palavra escrita na produção de sentidos e abrimo-nos para todas as camadas responsáveis pela comunicação (eles dizem menos centralidade, e não menos importância). Van Leeuwen (2004, em outras palavras) e Kress e Van Leeuwen (2006, p. 34) afirmam que “A escola precisa introduzir os estudantes numa nova ordem semiótica”, e já não é mais o caso de duvidar que essa ordem tenha chegado, mesmo no sul global.

## REFERÊNCIAS

CAZDEN, Courtney et al. A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures. *Harvard Educational Review*, 66, p. 60-92, 1996.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. *Multimodal discourse*. The modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS, G. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

KRESS; G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images*. The grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006.

LIMA-NETO, Vicente. *Um estudo da emergência de gêneros no Facebook*. 2014. 309f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MORAIS, José. Os caminhos da Literacia. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2020.

OLIVEIRA, Nara Maria Alves de; BEZERRA, Benedito Gomes; LÊDO, Amanda Cavalcante de Oliveira. Uma proposta para a análise crítica do meme como gênero em aulas de língua portuguesa. *Revista Linguagem em Foco*, v. 12, n. 3, 2020. p. 9-29. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4155>. Acesso em: 2 fev. 2021.

RIBEIRO, A. E. Textos multimodais e escola: produção e leitura de peças de divulgação de um show de música popular. In: FERRAZ, O. (org.). *Educação, (multi)letramentos e tecnologias: tecendo redes de conhecimento sobre letramentos, cultura digital, ensino e aprendizagem na cibercultura*. Salvador: Editora da UFBA, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/30951/3/ed-multiletramentos-tecno-miolo-RI.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos multimodais na sala de aula: exercícios. *Triângulo*, Uberaba, v. 13, n. 3, p. 24-38, set. dez. 2020. Disponível em: <http://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/5005/pdf>. Acesso em: 23 nov. 2020.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Textos multimodais – leitura e produção*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SOARES, Magda. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). *Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2001*. São Paulo: Global, 2003.

VAN LEEUWEN, Theo. 2004. Ten Reasons Why Linguists Should Pay Attention to Visual Communication. *In*: LEVINE, P; SCOLLON, R. (ed.). *Discourse & Technology: multimodal discourse analysis*. Washington: Georgetown University Press. p. 7-20.

#### NOTAS DE AUTORIA

**Ana Elisa Ribeiro** ([anadigital@gmail.com](mailto:anadigital@gmail.com)) - Doutora em Linguística Aplicada pela UFMG. Pós-doutora em Comunicação pela PUC Minas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

#### Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

RIBEIRO, Ana Elisa. De Tolstói a Toy Story: um caso de texto multimodal e seus estratos digitais. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 7-21, 2021.

#### Contribuição de autoria

Não se aplica.

#### Financiamento

Não se aplica.

#### Consentimento de uso de imagem

Figura 1 – Texto que circulou nas redes sociais no final de 2020. Fonte: Internet.

#### Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

#### Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

#### Histórico

Recebido em: 05/03/2021

Aprovado em: 09/06/2021